

MULHER & MUAY THAI: UM RELATO DE UMA DAS PIONEIRAS NO RIO DE JANEIRO

Miriam Molinero, Cristina Stilben, Silvio Telles

RESUMO

Buscamos neste estudo desvelar como o Muay Thai feminino surgiu no Rio de Janeiro. Para o alcance do objetivo desta pesquisa realizamos uma entrevista semiestruturada, do tipo guiado com Marlene Lopes, tida pelos membros do campo do Muay Thai como uma das precursoras da modalidade. Esta prática foi iniciada em meados de 1980 com Antonieta Lopes, irmã da entrevistada, sua proliferação para o campo feminino iniciou-se somente na década de 90.

Palavra-chave: História, Muay Thai Feminino, gênero.

WOMEN & MUAY THAI: A REPORT OF ONE OF THE PIONEERS OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

We seek in this study reveal how the Muay Thai female emerges in Rio de Janeiro. To achieve the objective of this research we conducted a structured type tour with Marlene Lopes taken by members of the Muay Thai field as one of the pioneers of the sport. This practice began in mid-1980 with the interviewee's sister Antoinette Lopes and their proliferation to the field started only female in the 90s.

Keywords: History, Muay Thai Female, gender.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, principalmente atrelado à supremacia masculina, a relação de gênero sempre foi favorável aos homens em virtude principalmente das características físicas que possivelmente ao longo do século desenvolveram diversas culturas que colocavam a mulher, em segundo plano.

De acordo com Barbosa (1996), a relação de gênero formada por homens e mulheres dá rumo às diferenças biológicas, o que torna a desigualdade da mulher vulnerável à exclusão social, que logo atinge, simultaneamente, no trabalho, pela idade, a raça, e assim torna difícil exigir, em vista que ela combina vários dos elementos da exclusão social. Desse modo, mais que qualquer outro assunto ligado ao feminino que se deseja analisar, dificilmente se poderá compreender a exclusão particular da mulher sem antes entender o porquê da exclusão e suas formas de manifestação.

Ao longo dos anos a inserção da mulher na sociedade vem tornando-se cada vez mais uma realidade. Diversas são as hipóteses que levaram a mulher a esse patamar de destaque, podemos citar um novo paradigma, desenvolvido dentro da revolução industrial que buscou mão de obra barata e posteriormente no período entre guerras pela falta de mão de obra masculina.

Em diversos setores sociais a mulher tem se equiparado ao homem, mesmo ainda hoje existindo discrepância salarial a favor do segundo. Mulheres assumem presidências de países, cargos ministeriais e também no âmbito esportivo conseguiram expressão mediática. Esportes tradicionalmente masculinos como futebol, polo aquático e lutas, dentre outros veem o avanço feminino de uma forma até então nunca vista. Seria impensável há décadas atrás ver mulheres treinando de forma semelhante aos homens buscando objetivos iguais. Alcançar o alto nível como intenção final, secundarizando papéis tradicionalmente destinados à mulher como a casa e a família são atualmente vistos de forma comum.

Atento a essa transformação paradigmática envolvendo a mulher e aos campos sociais o Muay Thai (MT), também percebe essa nova tendência em que o esporte como um todo vem se adaptando. A própria história do MT mostra que as mulheres sempre foram excluídas. Na Tailândia, berço do MT, as

mulheres, em um passado recente, não podiam sequer assistir as lutas nos ginásios onde aconteciam os combates, havendo a crença que elas trariam má sorte aos lutadores. Vemos, ainda nos dias de hoje em seu país de origem, diversos campos em que elas não podem treinar e outros aonde treinam em ringues separados dos homens.

Segundo Lima e Votre (2008), o MT tinha como objetivo a morte, mas com o passar dos anos, tal prática tornou-se esportiva, e vem ficando menos contundente com o passar dos anos. Devido à concepção do esporte moderno o objetivo se tornou o nocaute. Ainda sendo um objetivo extremo o esporte tomou rumos competitivos e não de sobrevivência já que foi criado para enfrentar inimigos que faziam fronteira com a Tailândia que os atacavam constantemente. Atualmente não são válidas golpes como cotoveladas, pois é um golpe muito traumático. Para treinar e competir utiliza-se ataduras antes das luvas, protetores de boca, e caneleiras.

Considerando o supracitado, mulheres hoje praticam o MT em diversas partes do nosso país, redefinindo uma visão que apontava tal esporte como sendo exclusivamente masculino. Sua característica viril e com amplas possibilidades de lesões não se tornou um obstáculo intransponível para o sexo feminino. De acordo com Lima (2008) em sua dissertação de Mestrado intitulado "Muay Thai Alternate uma proposta participativa", para o MT o decreto-lei 3199, criado pelo Estado Novo, em que normatizava a proibição a prática esportiva feminina e que esportes considerados incompatíveis com as condições femininas tais como: "luta de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, polo, polo aquático, halterofilismo e beisebol" passou despercebido entre os homens que praticavam o MT, sendo liberadas as mulheres a treinar com os mesmos, tendo somente que se inscrever nas academias que houvesse a aula. Talvez por isso em um estudo piloto feito por Lima nota-se que no ano de 2000 para 2006 houve um aumento de 32% de mulheres em academias praticando a luta.

Na tentativa de compreender como o MT tornou-se um esporte praticado por mulheres, buscamos identificar através de fontes documentais como se deu esse processo de inserção. Lima (2005) em "A Trajetória do Muay Thai em solo brasileiro" nos mostra que em seus primórdios na Tailândia, não era permitida a participação de mulheres, nem mesmo chegar perto de um ringue de boxe, quanto mais assistir a lutas de boxe tailandês, contudo em nosso país tal radicalismo não assumiu papel preponderante para determinar a exclusão das mulheres.

A relevância do estudo reside no fato da escassez de dados sobre o MT feminino no Brasil, além de contribuir na elucidação do porque da presença de mulheres nos esportes tradicionais e mesmo nos mais violentos, por isso torna-se importante à reflexão sobre o papel feminino neste contexto esportivo em particular.

Durante a realização dessa pesquisa buscamos informações relativas às pessoas que foram precursoras na prática de MT feminino no Rio de Janeiro. A pesquisadora (Molinero) por fazer parte do campo, sendo atleta praticante de MT há seis anos, treinada pelo Professor Mestre Phillip Lima que escreveu sua dissertação já citada neste trabalho, teve acesso a pessoas que poderiam apontar atores sociais que tivessem participado desse processo de surgimento do MT feminino no Rio de Janeiro.

Diante desse quadro inicial da pesquisa chegamos ao nome de Marlene que segundo relatos ministrava aulas no Centro Integrado de Artes Marciais (CIAM) que pertence a FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica) que fica situado no bairro de Quintino – RJ. Buscamos então uma aproximação com esse ator social.

Antes desse contato, fizemos uma incursão na Federação do Rio de Janeiro e na Confederação para aumentarmos nossos conhecimentos sobre o tema e ainda confrontar com fontes documentais os dados que iríamos obter com Marlene. Para nossa surpresa, não encontramos nenhum dado referente à participação de mulheres em períodos passados, somente dados sobre participações recentes. Assim, apenas com o conhecimento oriundo de conversas com praticantes mais antigos, fomos para o encontro com a entrevistada.

Para a obtenção dos dados optamos por utilizar uma entrevista não estruturada do tipo guiada. Segundo Gay (1976) ao elaboramos um roteiro para as entrevistas, buscamos as mesmas ou semelhantes informações dos entrevistados. Essa ferramenta permite ao entrevistador ajustar a sequência e o palavreado das questões em função do respondente. Com este roteiro, que cobre áreas de interesse da entrevista, é dada ao entrevistador liberdade de explorar, aprofundar, elucidar o assunto, que é objeto do estudo. Com isso, o entrevistador tem liberdade de orientar a entrevista, como se fosse

uma conversação normal, de forma espontânea, mas dentro do assunto pré-determinado, até cobrir todos os tópicos de interesse do roteiro.

A entrevista teve um roteiro que respeitava as peculiaridades do entrevistado mediante sua relação com o objeto do estudo. A amostra selecionada foi intencional, ou seja, o entrevistado foi escolhido a partir da sua história de vida profissional/pessoal e relevância em relação ao estudo. A entrevista foi transcrita e posteriormente reenviada a informante que fez a revisão de suas falas autorizando a publicação através do Termo Livre e Esclarecido de Consentimento como indicam as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Res. CNS 196/96, II. 4.

ANÁLISE DOS DADOS

Nessa perspectiva nos encontramos com a ex-lutadora Marlene Lopes Ribeiro de Melo apontada como uma das precursoras da prática. Em entrevista cedida no dia 20 de novembro de 2009, buscamos através do seu relato, identificar como o MT disseminou-se, principalmente levando-se em consideração a participação das mulheres. Quando perguntamos a Marlene em que época ela começou a praticar o MT, a mesma nos respondeu que foi influenciada por sua irmã, que começou a praticar bem antes dela. Foi requisitada também uma entrevista a irmã de Marlene, contudo não fomos atendidos. A irmã de nome Antonieta Lopes Ribeiro foi uma das precursoras no Estado do Rio de Janeiro, segundo a própria entrevistada. Antonieta Lopes começa a praticar o MT em 1983, aproximadamente. Marlene seguindo os passos da irmã começa a praticar quatro anos depois em 1987.

Interessante perceber que num passado não muito distante, basicamente na década de 80 as mulheres começavam a praticar esportes de luta dentre eles o MT. Na década de 70, segundo Gabriela Conceição de Souza (2007) em sua dissertação de mestrado intitulada “História do judô feminino no Brasil da quebra da proibição (1979) à oficialização em olimpíadas”, o judô foi participar de um campeonato sul-americano com mulheres levando nome de homens, provando que naquele momento, de fato, a mulher ainda não tinha o seu espaço nas lutas garantido.

Ao perguntar a Marlene se de fato havia algum registro, ela ratifica o que já havíamos percebido a inexistência de dados. Marlene comenta que no período em que ela e a irmã começaram a praticar o MT ainda não existiam federações e muito menos confederações e as associações não mantinham nenhum tipo de registro de nome sobre mulheres que praticavam o MT. A Confederação Brasileira de MT foi fundada em 1994 e ainda não existe federação de MT.

Curioso que o MT, levando-se em consideração o masculino, surge em nosso país aproximadamente em 1978 (LIMA 2005), e também observamos que na própria Tailândia, mulheres não tinham acesso, ou seja, a tradição do MT mesmo no Brasil não era a favor que mulheres o praticassem.

Ainda na entrevista perguntamos o que levou Marlene a buscar fazer MT, talvez essa revelação pudesse ser também de outras mulheres do mesmo período. Para nossa surpresa, apesar da mesma buscar realmente a questão da atividade física, por se considerar abaixo do peso, ela busca o esporte para ganhar um pouco mais de massa muscular, incentivada pela sua irmã mais velha que já praticava o esporte.

O imaginário de muitas pessoas que olham o MT muitas vezes às levam a praticá-lo para defesa pessoal. Marlene diz que não, que não buscou por esse motivo, inclusive relata que sempre foi uma pessoa muito calma, despreocupada com essa questão defensiva, realmente a maior importância para sua busca foi à questão corporal.

Também foi perguntando em que academia ela começou a praticar o esporte MT, a mesma nos revela que foi na academia Luva, no bairro Riachuelo, no Rio de Janeiro, próximo à Rua 24 de Maio. Também nos relata que algumas mulheres após a sua entrada e da irmã, começaram a buscar o MT. Porém a rotatividade era muito grande, ou seja, entravam algumas mulheres mais não permaneciam por muito tempo. Talvez a questão do impacto, mesmo com as proteções que são colocadas nos treinos, muitas mulheres ainda não se adaptavam a essa nova característica. Interessante também pensar que sua irmã também já ministrava aulas de MT no início dos anos de 1980, fato esse relativamente importante, visto que além de quebrar um tabu de mulheres praticando MT, uma mulher já ministrava aulas tanto para homens quanto para mulheres.

Perguntamos também qual seria o Mestre que a ela permitiu a prática. Ela fala que muitos professores passaram em sua vida, professores como Mestre Aroldo, Mestre Luiz Alves, Mestre Narani e também Mestre Paulista, todos esses são tidos como importantes em sua formação técnica. Perguntamos ainda, se ela frequentava muitas academias ou ficava somente na dela. Marlene relata que sempre praticava na mesma academia, com Grão Mestre Luiz Alves, contudo, ela em algumas oportunidades, também treinava em outras academias já que o seu Mestre permitia que seus instrutores dessem aulas em outros locais, por isso o seu relato em dizer que poucas mulheres praticavam e que sua irmã foi uma das precursoras. Para nós, essa informação parece ser plausível visto que não eram tantos assim os Mestres de MT, tendo o seu já inserido em academias do Rio de Janeiro. Essa condição de transitar em diversas academias dá mais respaldo a Marlene no tocante a um maior conhecimento sobre a participação da mulher no MT.

A academia Alecli, no bairro de Fátima, que era coordenada pelo professor Paulista que tinha sido um dos seus Mestres, também surgiu como local de prática de MT feminino. Nesta academia as mulheres que praticavam, o fizeram pouco depois de 1986.

Outra pergunta que se faz importante ressaltar foi quanto à percepção de Marlene sobre o aumento do quantitativo de mulheres praticando de forma sistemática. Curioso que, apesar de Marlene ter começado a sua prática em 1987, a mesma só percebe que há uma maior participação de mulheres em diversas academias dez anos depois, em 1997. Claro que entendemos que essa opinião reflete sua experiência sensível, não sendo provavelmente muito exata. Contudo, por volta de 1997, Marlene acredita que há uma sistematização de mulheres, diferente do que ela percebeu em 1983 ou mesmo em 1987, quando apesar de existirem mulheres praticando o MT a permanência destas durante muito tempo era pouco corriqueira.

Hoje notamos que o público feminino que busca as academias para a prática de MT também percebe uma nova recepção por parte de seus técnicos e da própria academia. Talvez a sociedade vendo mulheres praticando o MT hoje, as veja não como diferentes, mas como mais uma prática comum dentro das artes marciais. Esta também parece ser a impressão de Marlene, quando comenta que atualmente as pessoas já conhecem o esporte de forma diferenciada, com até outros nomes como o Boxe Tailandês.

Outro ponto que buscamos na entrevista foi da participação da mulher em competição. Marlene nos confessa nunca ter participado de competições, principalmente porque sua mãe não deixava. Já sua irmã, participou de uma competição, pois já se encontrava independente e casada, e no mesmo campeonato a luta foi mista já que não havia inscrição de outra mulher na sua, nem em nenhuma outra categoria.

Muitos campeonatos divulgavam o desporto feminino com simulações de combate, como se fosse um Katar do Judô. Em dupla ela e a irmã Antonieta apresentavam-se demonstrando que inclusive mulheres poderiam participar de competições de MT. Percebemos que apesar de ser um relato particular não podemos garantir que de fato a irmã tenha sido a primeira a competir o esporte, contudo o campo do MT nesse período já demonstrava a ausência de significativo número de mulheres destinadas à competição. Apesar do MT na década de 80 surgir para algumas mulheres, o que nos parece é que as mesmas não competiam ou se competiam não dentro do campo de observação da nossa entrevistada.

Outro ponto que tenha facilitado a inserção da mulher no MT foi à mudança de regras. O esporte era muito contundente. Eram liberados variados tipos de golpes com socos, cotovelos, joelhos e chutes. Depois de determinado momento em alguns campeonatos, algumas regras foram estabelecidas para proteger o atleta dando-o a oportunidade de se recuperar mais rápido e se preparar para o próximo campeonato. A retirada da cotovelada foi um exemplo dessas mudanças. Então com o intuito de propagar a proteção naquele esporte, um técnico holandês de MT fez um seminário no Brasil apresentando o protetor de Canela ou caneleira. O próprio ficou surpreso ao saber que os treinos eram praticados com a canela pura. O fato é que estas mudanças não ocorreram da noite para o dia e neste período, os organizadores do esporte no Brasil, não sabiam que regras utilizar. Por causa destas dúvidas criaram a categoria amador, como forma de explicar a infração se usar Joelhadas e cotoveladas em campeonatos de MT. Esta divisão ocorreu no ano de 1989, organizado pela ABTAN (associação de boxe tailandês amador naja). (LIMA 2005)

Como no começo dos campeonatos a cotovelada era válida no repertório do MT, durante o combate à federação criou os protetores de cabeça, caneleira e protetor peitoral (também usado no Tae

kwon do), para amenizar o combate e acalmar o público que ia assistir. Ainda falando da participação de sua irmã Antonieta, a mesma competiu ainda na década de 80 com um homem e venceu a disputa. Marlene relata que tal fato aconteceu, não pela supremacia em força de sua irmã, mas pelo homem ter pouco tempo de MT, e ela além do MT já trazia consigo um conhecimento pregresso sobre o Tae kwon do, isso fez com que ela saísse vitoriosa atrelando seus conhecimentos de uma luta com a outra.

Outro ponto abordado foi à questão do preconceito. Como sabemos a origem do MT não favorece sequer a observação das mulheres nas disputas, contudo no Brasil isso se mostrou diferente. Mulheres já praticavam MT, mas o preconceito existia e ainda existe. Naquela época homens não viam com bons olhos mulheres praticando, principalmente em virtude do contato corpo a corpo devido ao medo de ferir ou mesmo agredir uma mulher durante os treinos. Como não existiam mulheres para praticar juntamente com Antonieta a mesma tinha que treinar com homens. Ainda sobre o preconceito, percebemos que o fato de a mulher ser “sexo frágil” talvez por esse motivo o MT fosse visto como incompatível para a prática de mulheres. Marlene relata em sua entrevista que muitos de seus amigos de treino comentavam: “Marlene você é tão bonita, então não me bate que eu não te bato”. Alguns familiares e amigos achavam inadequado uma mulher praticando o MT. De fato no estudo de Souza (2007), é apontado preconceitos acerca dos esportes ditos viris, no qual o judô feminino brasileiro está envolvido, mostrando que o paradigma em torno do esporte feminino não é visto somente no MT e sim em todos os esportes de artes marciais.

Edmundo Drummond (2001 apud Souza 2007), “*O Judô na Universidade: discutindo questões de gênero e idade*” observamos que durante algum tempo também se utilizava como argumento o preservar o corpo da mulher para a fertilidade e posterior maternidade e que, no caso de atividades com grandes possibilidades de contato corporal, como é a condição das lutas, poderiam comprometer seus órgãos reprodutores. Indício de mudanças podem ser sentidos nos escritos de Costa (2004), onde o autor diz que a realização dos jogos da Primavera, por Mário Filho, na década de 40, já democratizava os esportes entre as mulheres, divulgando mudanças a respeito de sua fragilidade e favorecendo a conquista do direito à prática esportiva para esse novo grande mercado que é a mulher. Percebe-se que nos anos 80 aconteceram diversas quebras de tabus dentro do esporte de combate como, por exemplo, o primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino realizado no Rio de Janeiro promovido pela CBJ em 1980. Cabe ressaltar a coincidência no período do primeiro campeonato de judô feminino com o período que Antonieta compete no MT.

CONCLUSÃO

Através da busca de fontes correlatas ao MT, percebemos que a mulher garantiu seu espaço por diversos motivos, dentre eles a importância conquistada após a revolução industrial e mesmo no período entre guerras onde à ausência de homens fez com que a necessidade obrigasse a mulher a assumir os cargos deixados por seus maridos. No campo esportivo, percebemos que esta transformação também não foi muito rápida, no caso do Brasil citamos Maria Lenk na década de 30, participando dos jogos olímpicos e após essa participação a mulher vem ganhando terreno e participando de vários esportes, conquistando inclusive a primeira medalha feminina no vôlei de praia em 1994.

No caso das lutas, o trajeto foi um pouco mais difícil em virtude da preocupação dos homens com o corpo feminino e fragilidade das mulheres, principalmente com a relação à reprodução, colocando os esportes de luta na condição de vilões dessa visão predominante na época

Nosso estudo demonstrou que o MT surge para as mulheres aproximadamente no início da década de 80. Marlene relata que teve muitos problemas de preconceito para praticar o MT, contudo com o passar dos anos ela conseguiu junto com a irmã e outras mulheres ser aceita dentro do campo. Marlene ainda nos revela acreditar que apenas em 1997 ou próximo a esta data, o MT começa a ser praticado por um número significativo de mulheres, acreditamos que esta informação é fundamental, primeiro porque após um pouco mais de dez anos da primeira participação de sua irmã no MT, o mesmo torna-se mais praticado em termos quantitativos.

Essa pesquisa apoiou-se nos relatos de uma das precursoras, que foi apontada por membros efetivos do campo que ainda hoje trabalham com a modalidade. Contudo, outros estudos com diferentes fontes devem ser realizados para ampliar ainda mais o acervo de informações sobre o binômio MT e a mulher, não só no Rio de Janeiro como em outras localidades do Brasil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. A. **Envolvimento e estilo conversacional**: quando o sexo faz a diferença. (Mestrado em Letras (língua Portuguesa), Rio de Janeiro, PUC, 1996.

COSTA, J. S. **Vozes de mulheres na escola nacional de educação física e desportos de 1939 a 1949: ecoando o passado**. Dissertação de Mestrado. PPGF: Rio de Janeiro, 2004.

GAY, L. R. **Educational research**: competencies for analysis and application. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Pub.Co. 1976.

LIMA, P. B. B. **A trajetória do muay thai em solo brasileiro**. Trabalho de conclusão do curso de educação física). Rio de Janeiro UGF, 2005.

LIMA, P. B. B. **Muay thai alternate uma proposta participativa**. Dissertação de Mestrado. PPGEF: Rio de Janeiro, 2008.

LIMA, P. B. B.; VOTRE, S. J. Muay Thai; empoderamento; representação - História das aparências e pedagogias de gênero. **Anais do congresso - Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder** - Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

SOUZA, G. C. de. **Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992**. Rio de Janeiro: PPGEF / UGF, 2007.

Departamento de Educação Física - Universidade Gama Filho

R. São Miguel, 211 - apt 402
Rio de Janeiro/RJ